

Marcus Vinícius de Oliveira Reis¹ e Adlane Vilas Boas²

1. Mestrando(a) do PROFBIO/UFMG; professor(a) da Escola Estadual Amadeu Gonçalves Boaventura (marcusreisbio@ufmg.br)
2. Docente do PROFBIO; Departamento de Genética, Ecologia e Evolução, ICB, UFMG

INTRODUÇÃO

Em 2008, o presidente da época, altera a Lei de Diretriz da Educação Básica (LDB, Lei nº 9.394/1996), para que a história e cultura afro-brasileira devesse ser ministrada no âmbito de todo currículo escolar. No entanto, a comunidade escolar vincula os debates sociais apenas para as áreas de Ciências Humanas, restringindo este tema que é amplo, multidisciplinar e de grande potencial para abordagens transversais (GRAVINA, 2019).

A disciplina de biologia, por exemplo, proporciona diversas possibilidades de conteúdos que podem auxiliar no debate das relações étnico-raciais, como variabilidade genética e a ausência de “raças humanas” (PENA, 2006). Infelizmente, quando o assunto são os debates, muitas vezes, o conhecimento biológico fica na margem e não como um dos pilares (GRAVINA, 2019).

Mediante o exposto, o objetivo deste trabalho foi instigar os alunos ao debate e a investigação, utilizando fontes biológicas para compreender a variabilidade genotípica e fenotípica (cor da pele dos seres humanos), além de discutir o conceito de raça nesta espécie.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a execução do trabalho, utilizou-se três horas/aulas consecutivas, no período matutino, com 34 estudantes de uma turma do primeiro ano do ensino médio. As etapas foram baseadas e adaptadas da sequência didática realizada pela Arnholz (2020), e estão representadas pelo fluxograma a seguir:

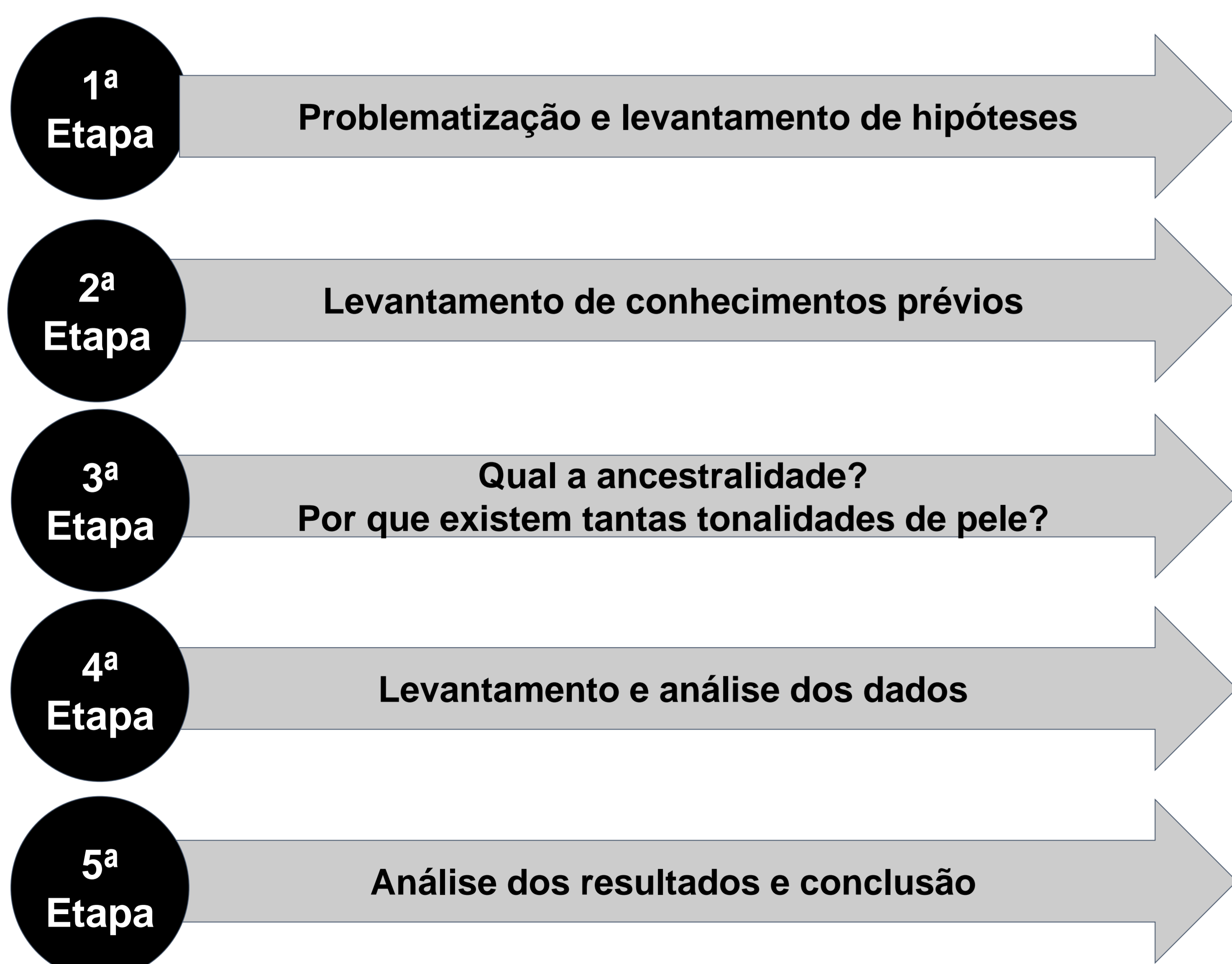


Figura 1: fluxograma com as etapas do processo investigativo.
Fonte: próprio autor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1ª Etapa



Figura 2: grupo Racionais Mcs (música “Negro Drama”).
Fonte: Racionais Mcs - YouTube.

2ª Etapa

O conhecimento biológico pode ajudar no combate ao preconceito? Explique.

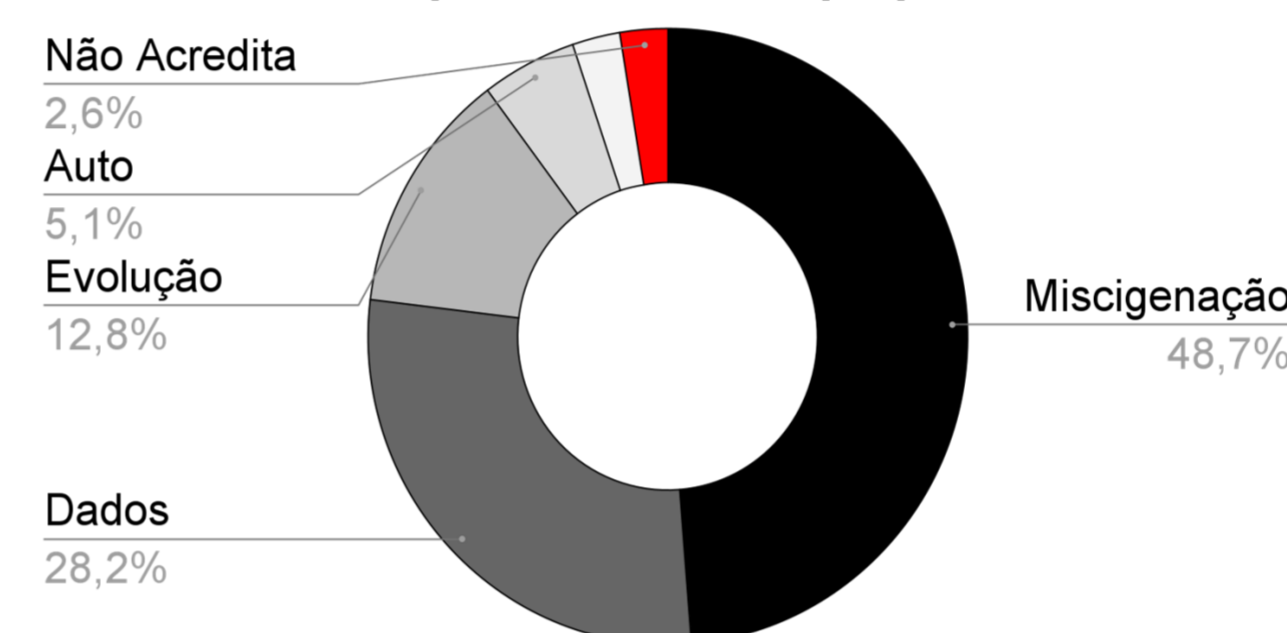
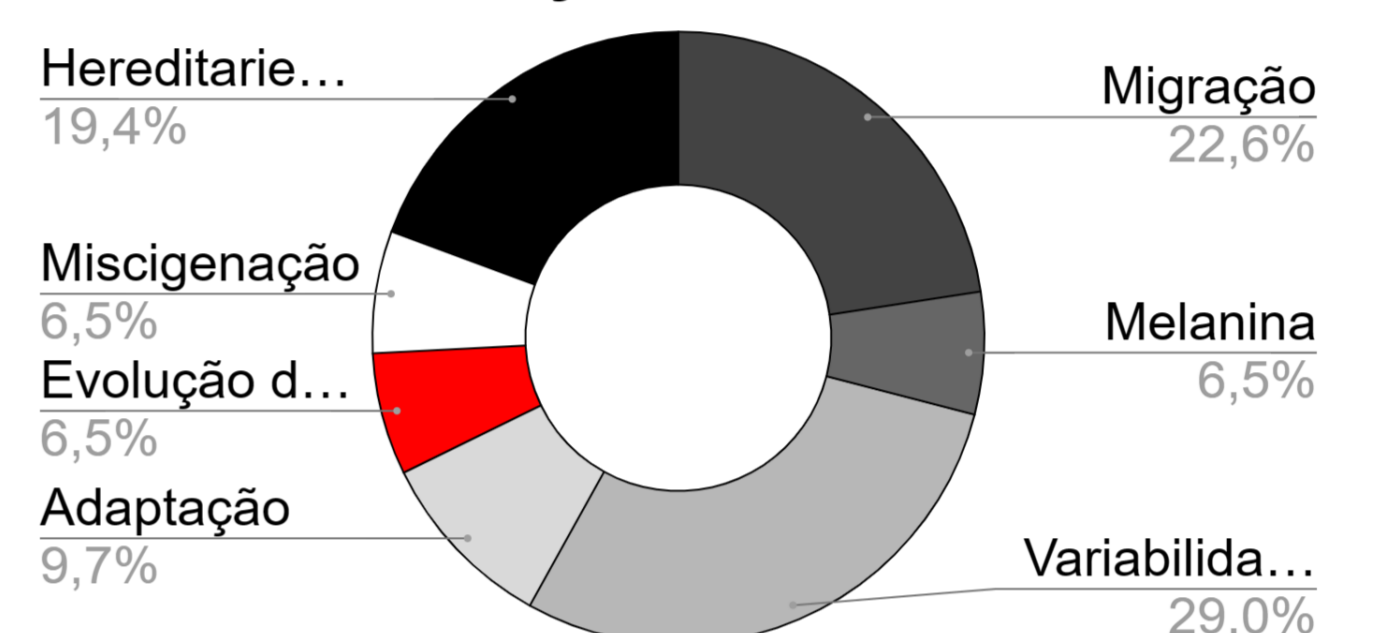
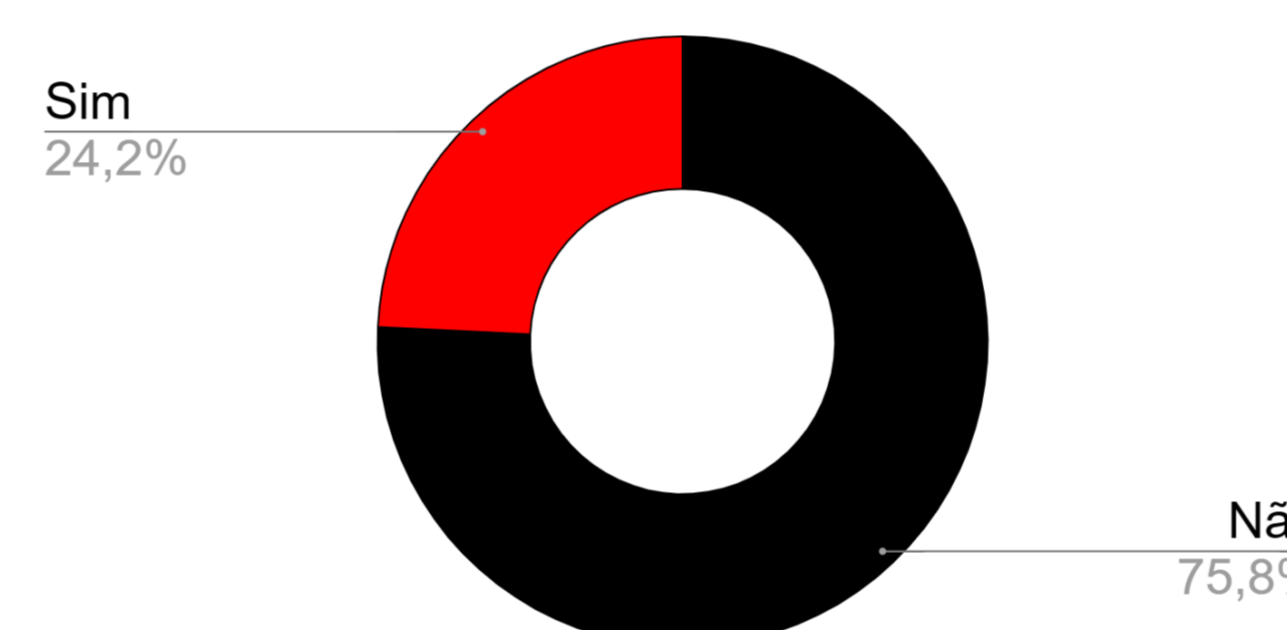


Figura 3: jogador de futebol Vini Jr. (documentário “Intolerância na Espanha”).
Fonte: DocumentoPELEJA 07 - YouTube.

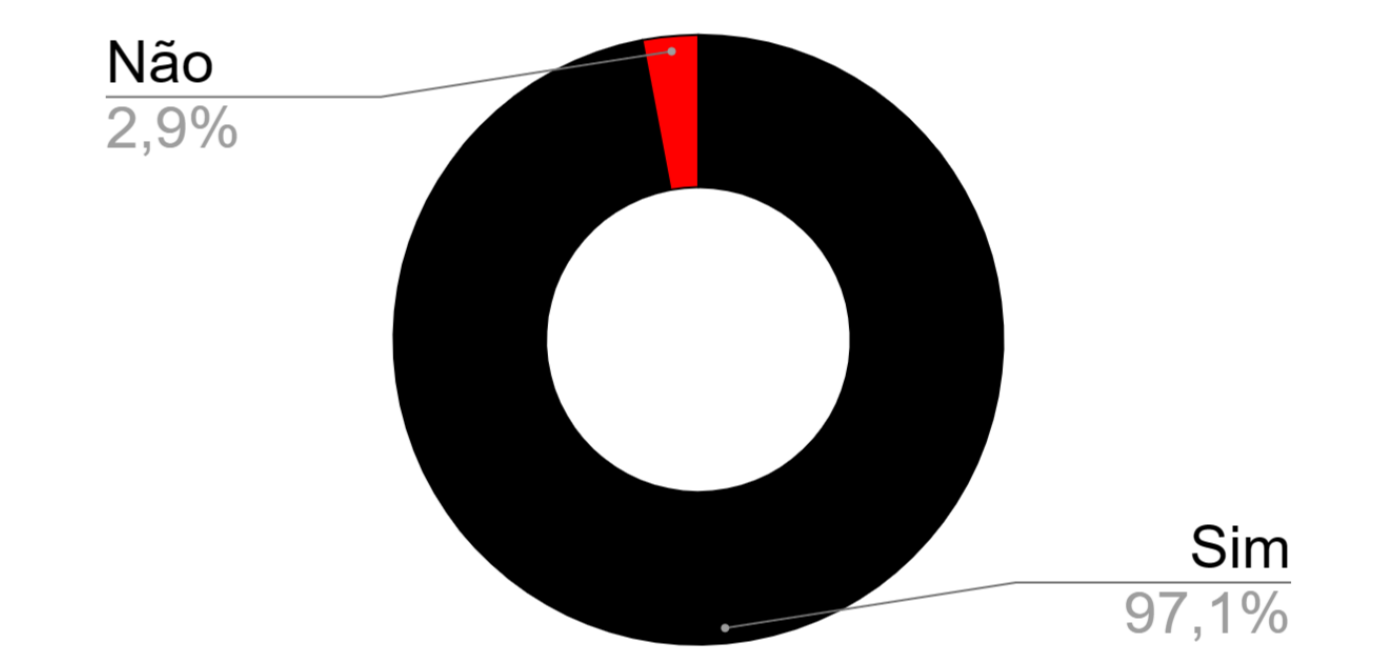
O que determinou evolutivamente as diferentes colorações nos seres humanos?



De acordo com a biologia, existem raças humanas?



Existe racismo na escola?



Gráficos 1, 2, 3 e 4: Percentual de respostas dos alunos para cada pergunta realizada no questionário de conhecimentos prévios.
Fonte: Autoria própria.

3ª Etapa



Figura 4: Pessoas que realizaram o teste de ancestralidade.
Fonte: Imagens retiradas do You Tube.

4ª Etapa

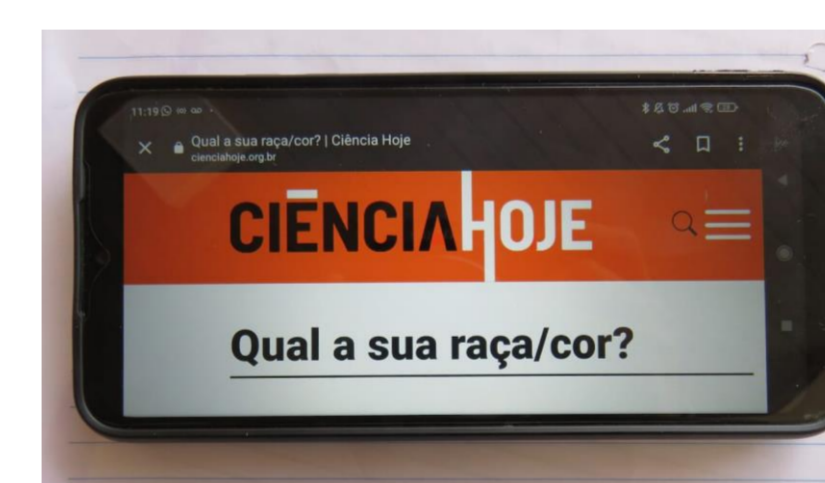


Figura 5: Pesquisa realizada pelos alunos.
Fonte: Autoria própria.

5ª Etapa



Figura 6: Representação da roda de conversa.
Fonte: La commission scolaire, social et associatif

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma geral, a metodologia investigativa empregada neste trabalho, proporcionou aos estudantes a buscar e compreender a diversidade da coloração da pele nos seres humanos e o termo raça, em uma concepção biológica. Apesar disso, durante o processo é notório o quão os alunos remetem a argumentos preconceituosos para apoiarem suas ideias, a maior barreira enfrentada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GRAVINA, Michele. Por que discutir racismo em aulas de biologia? *Ciência Hoje*, dezembro de 2018. Infinitas Possibilidades. Disponível em <http://cienciahoje.org.br/artigo/por-que-discutir-racismo-em-aulas-de-biologia/>. Acesso em 10 de abril de 2023.
- Pena, S. D. J., & Birchal, T. S. (2006). A inexistência biológica versus a existência social de raças humanas: pode a ciência instruir o etos social?. *Revista USP*, (68), 10-21. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i68p10-21>
- ARNHOLZ, E. Desconstruindo o racismo social a partir da investigação de nossa ancestralidade biológica. *Rev: Health and Biosciences*, v.1, n.3, Dez. 2020.